

PAULINO, Rogério Lopes da S. e MUNIZ, Mariana Lima. *Por que vocês cobrem o rosto?* – Apontamentos iniciais sobre um processo de pesquisa e criação cênica num bairro antigo. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG; Pós-doutorando FAPEMIG e Professora Adjunta.

RESUMO

Neste artigo pretendemos realizar alguns apontamentos iniciais sobre o projeto “Residência teatral no bairro Lagoinha: Um estudo sobre dramaturgia da improvisação a partir dos princípios cênicos das máscaras tradicionais brasileiras”. A intenção do projeto é revelar, a partir de performances de atores mascarados, as histórias e os personagens lendários deste bairro, que habitam a memória e o imaginário de seus moradores. Para isso, uma equipe de atores pesquisadores está realizando a maior parte do processo de criação dentro do próprio bairro, o que tem culminado em intervenções cênicas dramaturgicamente estruturadas a partir de improvisações, que ocorrem nas ruas, praças e casas. A intenção deste artigo é apresentar a estratégia de inserção da equipe do projeto no bairro, desde as primeiras aparições ainda sem o uso das máscaras, que se deu em janeiro deste ano, até o momento em que as máscaras foram posteriormente inseridas no mês de março. Procuraremos discutir algumas questões que têm surgido a partir das experimentações práticas, principalmente em função das intempéries e incertezas de se trabalhar num processo em que os moradores locais não são vistos como público, mas como parceiros de um jogo que se constrói em cena aberta pelos diversos espaços do bairro, tanto públicos, como no caso da rua, como privados, a exemplo das residências. Este projeto integra as atividades desenvolvidas pelo LADI (Laboratório de Dramaturgia da Improvisação) do NACE.

Palavras-chave: Máscara. Improvisação. Dramaturgia.

ABSTRACT

In this article we intend to make some initial notes about the project “Residência teatral no bairro Lagoinha” The intent is to reveal, from performances of masked actors, the Stories and Legends of this neighborhood, who live in the memory and imagination of this residents. For this, a team of actors is performing most of the creative process within the neighborhood itself, which has culminated in scenic dramaturgically structured interventions from improvisations, which occur in the streets, squares and houses. The intention of this paper is to present a strategy for integrating the project team in the district since the first appearances even without the use of masks, which occurred in January this year, until the moment the masks were later incorporated in March. We discuss some issues that have arisen from the practice trials, mainly due to the weather and the uncertainties of working in a process where the locals are not seen as public but as partners in a game plan is built on an open scene for several neighborhood spaces, both public, as in the street, and private, the sample of households.

Keywords: Mask. Improvisation. Playwriting.

Por que vocês cobrem o rosto? – Apontamentos iniciais sobre um processo de pesquisa e criação cênica num bairro antigo

Neste artigo pretendemos realizar alguns apontamentos iniciais sobre o projeto “Residência teatral no bairro Lagoinha: Um estudo sobre dramaturgia da improvisação a partir dos princípios cênicos das máscaras tradicionais brasileiras”. Trata-se de um processo de pesquisa e criação a partir do diálogo entre a dramaturgia da improvisação (MUNIZ, 2010)¹ e o mascaramento do ator, tendo como temática central a memória de uma das regiões com mais relevância do ponto de vista histórico para a cidade de Belo Horizonte e que vem sofrendo profundas transformações nas últimas décadas: a Lagoinha.

Como o diálogo com os moradores do bairro é fundamental para esse processo de pesquisa e criação, optamos por realizar, desde os primeiros meses de ensaios, uma série de ações cênicas livres com intenção de aproximar a equipe de criação da população local. Dessa forma, os moradores do bairro tornam-se espectadores e participantes de um teatro que, de forma tácita e sutil, invade o seu cotidiano. Neste trabalho, as máscaras foram adotadas como elementos fundamentais para ajudar a presentificar² os personagens lendários dessa região que, a partir de estruturas de improvisação previamente estabelecidas, constroem situações cênicas que pretendem trazer à tona o retrato de uma Lagoinha do passado confrontando-o com a realidade atual.

Este projeto está sendo realizado com a participação de uma equipe de atores pesquisadores do NACE (Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa em Artes Cênicas da UFMG). São alunos de pós-graduação que possuem projetos na mesma linha de pesquisa da dramaturgia da improvisação e que integram a equipe de atores que realizam a parte prática de construção dos personagens mascarados e a criação de cenas no bairro Lagoinha. Além de receber o apoio do NACE/UFMG, o projeto será realizado em parceria com o grupo Trapizomba de Teatro, formado por alunos e ex-alunos do curso de graduação em Artes Cênicas e do curso Técnico do Teatro Universitário da UFMG, que além de integrarem o elenco como atores pesquisadores, possuem um projeto aprovado pela Lei de Incentivo à Cultura, que está custeando a infraestrutura para a realização da maior parte da pesquisa de campo, dos ensaios e das ações cênicas no bairro Lagoinha³.

A intenção do projeto é revelar, a partir de performances de atores mascarados, as histórias e os personagens lendários do bairro Lagoinha e suas imediações, que habitam a memória e o imaginário de seus moradores, como a “Loira do Bonfim” e os antigos seresteiros e boêmios que lá habitaram. Para isso, uma equipe de atores pesquisadores vem realizando, desde janeiro

¹ O conceito de dramaturgia da improvisação vem sendo estudado pelo LADI.

² O conceito de presentificação está sendo abordado conforme aparece em Gell (1998) para uma melhor aplicação do conceito ao teatro Cf. (PAULINO, 2011).

³ O projeto também recebeu apoio inicial da FAPEMIG via bolsa de pós-doutorado júnior, concedida ao pesquisador Rogério Lopes.

deste ano, a maior parte do processo de criação dentro do próprio bairro, desde a pesquisa de campo, para coletar histórias e imagens junto aos moradores, até o processo de criação de intervenções cênicas improvisadas que tomam as ruas, praças e casas do próprio bairro Lagoinha, locais utilizados como espaços de representação. Assim, pretende-se, além de promover o resgate da memória do Lagoinha e região, contribuir para a valorização dessa localidade, por meio de um processo artístico de intervenção urbana.

Passear pelo bairro

O processo teve início com a realização de “passeios” em silêncio pelo bairro, ainda sem o uso das máscaras; caminhávamos juntos, como “um corpo integrado”, formado por cinco atores. Não havia um líder para determinar o ritmo, o direcionamento ou a duração do nosso deslocamento pelas ruas. Ao mesmo tempo, não devíamos procurar nada, mas sim nos predispor para o encontro, sem qualquer ansiedade. Portanto, era preciso que estivéssemos em tempo presente para interagir verdadeiramente com o bairro e que estivéssemos abertos para receber, perceber e interagir com a realidade que nos cercava. Posteriormente, este estado foi fundamental para uma boa execução do jogo com as máscaras, já que mantivemos os mesmos princípios básicos quando nos mascaramos. A ideia era mais estar, do que fazer.

Logo notamos que mesmo sem as máscaras e com as roupas normais do cotidiano, chamávamos muito a atenção dos moradores e demais transeuntes, apenas por andar em silêncio, sem realizar qualquer outra ação a não ser a de “passear” pelo bairro, e algumas vezes tomar notas do que observávamos. Por outro lado, desde o início, percebemos o quanto era importante se manter em estado presente e em alerta, pois o bairro, apesar de, na maioria das vezes, se mostrar um ambiente bastante receptivo, não deixava de nos colocar em situações críticas, principalmente quando fazíamos “passeios” individuais, como no exemplo relatado pelo ator Eberth Guimarães:

Começo o dia seguindo meu instinto e visitando o cemitério do Bonfim. Após passear pelo site com as histórias de fantasmas de BH, me dei conta que nunca tinha prestado atenção no portal de entrada do cemitério do Bonfim. Saindo da rua do cemitério, resolvi tentar cortar caminho por dentro do bairro para chegar na rua do Serro onde tinha combinado com o Rogério, mas me perdi, e quando vi já estava dentro da favela e não sabia como retornar e voltar pro “asfalto”. Nesse começo de desespero vi um senhor e lhe perguntei como poderia ir para o cemitério, minha única referência naquele momento, e a resposta foi: “Morra!!!” “Tô brincando, siga ali e vire à direita”. Confesso que essa segunda parte da resposta eu não tenho certeza do que ele disse por causa do choque da primeira. Fiquei com aquilo na cabeça por alguns dias. E isso foi só o começo.

Nesta citação, fica claro como os moradores do bairro frequentemente apresentavam certa ambiguidade em seu discurso, sempre deixando uma brecha de incerteza sobre o que de fato era real. Tal ambiguidade aparecia mesmo em situações muito concretas quando, por exemplo, procurávamos por uma casa histórica para ser sede do projeto. Os proprietários de tais imóveis, muitos deles tombados, não queriam admitir a sua ocupação para que não tivessem que reformá-los, na esperança que um dia eles “tombem” de fato, e assim se esgueiravam de dar mais detalhes sobre os imóveis. Este

comportamento ambíguo dos moradores demonstrou-se, mais tarde, como um ótimo favorecedor do jogo que proporíamos mais tarde com as máscaras.

O passeio mascarado

No final do mês de março começamos a sair nas ruas como mascarados, ou seja, portando máscaras fabricadas de couro com traços bastante semelhantes aos de velhos⁴. A estranheza provocada pelas máscaras é reforçada pelos figurinos inspirados na década de 50 e 60, compostos por chapéus e bengalas. A ação principal é a de habitar o bairro, para isso alugamos uma casa em que só entramos e saímos dela mascarados. Ou seja, os demais moradores do bairro, nem mesmo nossos vizinhos, nos viram sem máscaras, o que nos possibilitou construir uma proposição de jogo assim como descrito no material de divulgação que está para ser lançado sobre o projeto:

As pessoas curiosas, perguntavam:

“O que é isso? Teatro? Por que vocês usam essas máscaras? Os moradores daquele lugar ainda não sabiam, mas o fato é que aquela cena inusitada ainda se repetiria diversas vezes, pois ali numa daquelas casas, estes seres habitariam e, sempre que necessário, sairiam às ruas para nos lembrarem de sua irrealdade.”

Desse modo, a pesquisa se desenvolve numa via de mão dupla, enquanto a presença inusitada dos personagens mascarados no cotidiano do bairro pretende estimular a memória dos moradores para que compartilhem suas lembranças, histórias e imagens; este material tem sido paulatinamente absorvido pelo atores mascarados para enriquecer seu repertório de ações vocais e corporais, produzindo uma obra cênica que se mimetiza no cotidiano do bairro.

Neste processo algumas questões simples, mas bastante significativas se evidenciam. Como, por exemplo, se interessar verdadeiramente pelas pessoas, para dar-lhes um bom-dia, ou um boa-tarde, por inteiro? Por que cumprimentar uma pessoa e a outra não? Como ressaltamos anteriormente, o mais importante é “estar” ali presente e não necessariamente procurar manter o foco sobre si realizando uma série de ações.

Esse “passeio mascarado” pelo bairro tem a função de produzir um certo sentido do fantástico, de deslocar o olhar e a percepção cotidiana e rotineira das pessoas. Ou, como um dos atores respondeu ao ser questionado do porquê estávamos fantasiados: “uai, pra levar fantasia para as pessoas”. Um outro bom exemplo é o que respondemos quando alguém nos pede para retirar a máscara e dizemos: “eu tiro a minha se você tirar a sua”. Como num conto de Julio Cortázar ou numa peça de Luigi Pirandello, com os quais temos estabelecido algumas analogias, resolvemos não criar uma trama que explicasse diretamente por que aqueles velhinhos estão ali, ou de onde vieram. Assumimos que o mascaramento é um ponto de partida para estabelecer um jogo em que as noções de real e de ficção são problematizadas a todo momento, e que levam os moradores do bairro a tecerem uma série de

⁴ As máscaras foram confeccionadas pelo ator, diretor e mascareiro Fernando Linares (2010).

especulações para explicar tal fenômeno, que vão das hipóteses mais plausíveis de nomear como teatro ou arte, até as mais inusitadas como: religião, magia ou organização mafiosa. Ao que tendemos a dar uma resposta *pirandelliana*: “Assim é se lhe parece”, como diz um dos títulos de sua peça.

Por esse motivo e por uma questão de ética com os moradores do bairro Lagoinha, que não são informados do que fazemos por lá, gostaríamos de pedir para que o leitor desse artigo torne-se nosso cúmplice no sentido de não revelar nosso segredo para outras pessoas, a não ser convidando-as para estarem no bairro, nos dias e locais que passarão a ser divulgados a partir de agosto. Contribuindo, também, com um dos objetivos centrais de nossa intervenção: levar a população belorizontina a ir até o bairro e reduzir a carga de preconceito com relação ao mesmo, permitindo que possa haver uma outra apreciação da paisagem urbana daquele local e a tomada de conhecimento da rica e peculiar rede de sociabilidade que caracteriza atualmente o Lagoinha.

Como dissemos anteriormente, esta pesquisa ainda continua em desenvolvimento. Como resultados parciais, optamos por descrever apenas as relações entre os atores mascarados e os moradores; esta relação levou a situação cênica para um jogo ambíguo entre realidade e ficção. Como continuidade deste projeto, começaremos a convidar o público em geral para acompanhar as intervenções sem, no entanto, estabelecer o local ou horário, convidando-os a estar no bairro e se deparar com suas figuras, mascaradas ou não. Paralelamente a isto, estamos realizando o trabalho de revisão bibliográfica neste eixo da improvisação, da relação entre estrutura e maleabilidade da dramaturgia improvisada, da intervenção cênica e urbana e também das relações entre real e ficção nas artes cênicas contemporâneas. Nosso cronograma prevê a finalização deste projeto para novembro, quando será produzido um artigo expandindo o relato aqui apresentado e sua articulação teórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GELL, Alfred. **Art and Agency: an anthropological Theory**. Oxford: Univ. Press, 1998.
- LINARES, Fernando J. **A máscara como segunda natureza do ator**. Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas, EBA/UFMG, 2010.
- MUNIZ, Mariana. **Dramaturgia da Improvisação: construção efêmera da cena teatral**. Moringa, João Pessoa, Vol. 1, n. 2, 89-96, jul./dez. de 2010.
- PAULINO, Rogério Lopes da S. **O ator e o folião no jogo das máscaras da Folia de Reis**. Tese de doutorado em Artes, IA/UNICAM, 2011.